Ephata, 2, no. 2 (2020) : 239-246. https://doi.org/10.34632/ephata.2020.9540

Teologias em contexto asiático
Theologies in an Asian Context

ADELINO ASCENSO*

Conheci uma vez um peregrino budista, um homem com mais de 80 anos de idade – vestido de branco, barba branca – que, desde há muitos anos, fazia e refazia o círculo de 1200 quilómetros de um circuito religioso de peregrinação numa das ilhas japonesas e que consiste na visita a 88 templos da escola do budismo esotérico japonês, muito semelhante ao budismo tibetano. Foi um belo encontro interpessoal e inter-religioso: ele, um peregrino budista; eu, um sacerdote católico, também peregrino. Após uma longa conversa, ofereceu-me aquilo que de mais valioso tinha consigo: o seu diário, escrito em forma de poemas *haiku*. Quando, embaraçado, lhe disse: «Mas isto é o seu diário…», ele respondeu: «A partir de hoje, escreverei outro». Este foi um encontro que marcou uma nova fase: para ele e para mim. Sim, porque depois de qualquer verdadeiro encontro não permanecemos os mesmos: ficamos mais ricos e como que recomeçamos. A história é longa, mas o que quero realçar é a força daquele nosso encontro. Passados muitos anos, ainda ele me escrevia em cada passagem de ano: caracteres desenhados em redor de uma foto sua, barba branca, quase centenário.

* Doutorado em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana; viveu muitos anos no Japão, onde estudou a cultura asiática; adelino.ascenso@gmail.com.

Aspetos que gostaria de realçar no relato deste encontro: a mística do peregrinar e a dimensão pessoal do encontro intercultural e inter-religioso, algo crucial em qualquer abordagem da sensibilidade teológica asiática.

Apenas algumas pinceladas breves e leves na grande tela que é formada pela imensa variedade de teologias no contexto plural asiático. As pinceladas serão: 1) características do continente asiático; 2) uma pneumatologia asiática como ponto de partida para o diálogo inter-religioso; 3) *Laudato Si'*: uma encíclica para o continente asiático.

1. Características do continente asiático

Ásia: imensa geografia e grande caleidoscópio populacional; 60% da população mundial, distribuída por 44 nações; dramática pobreza, apesar da presença de alguns países desenvolvidos economicamente – como o Japão – e dos quatro tigres asiáticos (Singapura, Hong-Kong, Coreia do Sul e Taiwan); heterogeneidade política; diversidade cultural; pluralismo religioso: além de Cristianismo, outras religiões asiáticas incluem Bahá'i, Bön, Budismo, Confucionismo, Taoísmo, Hinduísmo, Islão, Jainismo, Xintoísmo, Sikhismo, Zoroastrismo, além de inúmeras religiões tribais[1]. Poderá simplificar-se a origem das religiões em três áreas: Ásia Ocidental, com as religiões Abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo e Islão); Sul da Ásia, religiões *Dharmicas* (Hinduísmo, Budismo, Jainismo e outras daí derivadas); Ásia Oriental, harmónicas filosofias religiosas (Confucionismo, Taoísmo) e outras impregnadas de espiritualidade (Xintoísmo e Xamanismo e as denominadas religiões tribais)[2].

Hinduísmo é uma amálgama de tradições acumuladas ao longo dos séculos. É profundamente embebido na crença do ciclo das encarnações sucessivas, e os hindus vivem as suas vidas governadas pela lei do *karma* (causa e efeito entre ações, tanto na vida presente como na futura), sendo guiados pelo *darma* (ordem natural e universal que deve ser seguida por

[1] Cf. Peter C. Phan, *Asian Christianities: History, Theology, Practise* (Maryknoll: Orbis Books, 2018), 5-6.

[2] Cf. Phan, *Asian Christianities*, 204.

cada um). Viver de acordo com o próprio *darma* conduz a uma melhor existência na próxima vida. Muitos elementos da cosmovisão hinduísta passaram para o Budismo, o Jainismo e o Sikhismo, embora este último difira dos outros em virtude da sua fé monoteísta. Na história da filosofia, hindu, Budismo e Jainismo são considerados ensinamentos heterodoxos. O Budismo – denominado «religião sem Deus» – concentra-se no sofrimento (*dukha*) e nas Quatro Nobres Verdades: 1) tudo no mundo é sofrimento; 2) a origem do sofrimento é o desejo egoísta; 3) a única forma de interromper o ciclo das encarnações sucessivas (*samsara*) é a eliminação de tal desejo egoísta; 4) o caminho para a eliminação de tal desejo egoísta consiste na Nobre Via Óctupla – consistindo na combinação de conduta moral, meditação e sabedoria –, com consequente iluminação e entrada no *nirvana*[3]. As religiões asiáticas dão prioridade à união e procuram a harmonia entre o ser humano e a criação.

Um elemento que poderá ser veículo para uma grande aproximação às tradições religiosas asiáticas e, como tal, às teologias asiáticas é, segundo a Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC), a dimensão do Espírito Santo, que «sopra onde quer» (*Jo*. 3,8). E chegamos à segunda pincelada.

2. Uma pneumatologia asiática como ponto de partida para o diálogo inter-religioso

Num documento publicado em 1997[4], a referida Federação das Conferências Episcopais da Ásia começa por dizer que quanto mais intensamente seguirmos a orientação do Espírito, melhor captaremos o mistério que está nas diversas tradições religiosas orientais. O documento sublinha o termo «ressonâncias» entre o Espírito e variadas realidades

[3] Timoteo D. Gener e Stephen T. Pardue, *Asian Christian Theology: Evangelic Perspectives* (Manila: Langham Global Library, 2019), 206-207; Cf. Heinrich Dumoulin, *Begegnung mit dem Buddhismus: Eine Einführung* (Freiburg im Breisgau: Herder, 1978), 59.

[4] Para toda esta secção, recorro à já citada obra de Peter C. Phan, *Asian Christianities*, 196-204. Phan baseia-se na fonte «The Spirit at Work in Asia Today», da FABC, citada na página 196, nota 8, da sua obra: «For the text, see Frans-Josef Eilers (ed.), *For All the Peoples of Asia: Federation of Asian Bishop's Conferences. Documents from 1997 to 2001* (Quezon City: Claretian Publications, 2002), 237-327.»

presentes nas religiões asiáticas. No que se refere ao Hinduísmo, menciona *atman* (o «eu»), *prana* (respiração), *antarayamin* (o controlador interior), *ananda* (bênção/alegria), *sakti* (energia criadora feminina) e *agni* (fogo); considera que o Espírito estava já presente na tradição indiana e acrescenta, ousadamente, que

> se nós estivermos aptos a discernir os sinais do Espírito, então poderemos ler a história do Hinduísmo como uma história sagrada, onde o Espírito terá conduzido os irmãos e as irmãs para as profundezas do mistério de Deus e os guiará para Cristo.[5]

Sobre o Budismo, o mesmo documento, estudado e citado por Peter Phan, afirma que, apesar das diferenças profundas, será possível e desejável um encontro entre o Cristianismo e o Budismo, «para lá de conceitos, dogmas, símbolos e rituais, ao nível da experiência.»[6] No que diz respeito ao Confucionismo e ao Taoísmo, o mesmo documento é categórico ao considerar que, de muitas formas, refletem a ação do Espírito Santo no cosmos e, particularmente, na humanidade e na sua história. As virtudes taoistas de docilidade, confiança, humildade, não-violência, desapego e amor; as virtudes confucianas de responsabilidade, honestidade, lealdade e fidelidade: estas são manifestações dos frutos do único Espírito agindo de modo diverso em diferentes povos e pessoas[7]. Xamanismo e Xintoísmo: muitos elementos da visão do mundo, assim como valores éticos dos povos indígenas, são compatíveis com a fé cristã, e as suas crenças tradicionais, ritos, mitos e símbolos apresentam material precioso para o desenvolvimento de teologias indígenas e cerimónias litúrgicas. Claramente, o documento reconhece a presença do Espírito Santo nas

[5] «If we are able to discern the signs of the Spirit we can read the history of Hinduism as a holy history, where the Spirit has led our brothers and sisters to the depths of the mystery of God and leads them towards Christ.» Ver citação em Phan, *Asian Christianities*, 197.

[6] «In spite of profound differences between Buddhism and Christianity, SWAT affirms that an encounter between them is possible and desirable, "beyond concepts, dogmas, symbols and rituals at the level of experience"»: Phan, *Asian Christianities*, 197.

[7] Cf. Phan, *Asian Christianities*, 197.

religiões tribais, embora com alguma reserva, tendo em conta a crença em espíritos maléficos e os ritos para o seu esconjuro[8]. Finalmente, o documento afirma-se convicto de que, por meio de relações de amizade com muçulmanos e o conhecimento mais aprofundado da sua fé e das suas práticas, assim como do trabalho em projetos comuns, será o Espírito que age[9].

Resumindo os elementos mais importantes de uma pneumatologia asiática, de acordo com o documento:

a) Metodologicamente, uma pneumatologia asiática parte de baixo, isto é, da reflexão sobre as culturas asiáticas, bem como sobre as suas religiões e sobre os seus movimentos sociopolíticos.

b) O Espírito é visto, primeiramente, como mistério, isto é, algo que não pode ser definido exaustivamente e que está presente em tudo aquilo que é finito. O revelado aparece como fragmento daquilo que está oculto[10].

c) De entre a miríade de formas de expressão do Espírito, uma pneumatologia asiática sublinha três dessas formas: unidade ecológica (ligação entre o humano e o cosmos), movimento (ultrapassando todos os tipos de fronteiras e divisões) e liberdade (libertação de apego e egoísmo, assim como a luta pela justiça social e pela paz).

d) Tendo em conta o facto de que a Ásia é caracterizada por profundo pluralismo em todos os aspetos da vida, a aproximação ao Espírito como o autor de pluralidade faz vibrar as cordas da sensibilidade do coração asiático[11].

e) Finalmente, tal tipo de pneumatologia requer do Cristianismo uma luta por solidariedade efetiva com os pobres, ultrapassando as instituições, transformando-se numa comunidade participativa de iguais[12].

---

8 Cf. Phan, *Asian Christianities*, 198.
9 Cf. Phan, *Asian Christianities*, 198.
10 Cf. Phan, *Asian Christianities*, 200.
11 Cf. Phan, *Asian Christianities*, 200.
12 Cf. Phan, *Asian Christianities*, 201.

Um dos pontos principais deste documento é a relação que faz entre a ação do Espírito Santo e o diálogo inter-religioso. Paradoxalmente, a presença do Espírito na Igreja ajuda ao reconhecimento do mesmo Espírito fora dela[13]. É a presença do Espírito na Igreja que impele os cristãos para o diálogo com outras religiões e os capacita para ver e escutar, no sentido mais profundo e nas intenções mais verdadeiras dos outros credos, a voz do Espírito dando testemunho da maravilhosa variedade da revelação de Deus à humanidade[14].

É ideia comum que o diálogo inter-religioso é uma prioridade para a Igreja na Ásia, onde a harmonia religiosa e a sua diversidade podem contribuir grandemente para a paz e para a justiça. E passo à última pincelada.

3. *Laudato Si'*: uma encíclica para o continente asiático

O teólogo vietnamita acima referido, Peter Phan, considera que a encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, encaixa como uma luva naquilo que é, atualmente, a situação do continente asiático. E justifica: precisamente porque a proteção do ambiente e o amor pelo pobre são os dois temas centrais da encíclica, estando estreitamente interligados, pelo facto de ser o pobre quem mais sofre sob os efeitos da destruição ecológica[15].

O impacto catastrófico do aquecimento global sobre os povos mais indigentes do continente asiático verifica-se especialmente em três áreas:

1) Diminuição do terreno habitável (segundo algumas informações recentes, 35 milhões de pessoas que vivem no delta da área de Bangladesh deverão deixar as suas casas e perderão os seus haveres se o nível do mar subir um metro[16].

---

[13] Poderíamos aqui recorrer ao teólogo norte-americano Stanley Hauerwas, que afirmava: «A Igreja não possui Cristo; a sua presença não se limita à Igreja. No entanto, é na Igreja que aprendemos a reconhecer a presença de Cristo fora dela.» («[…] The church does not possess Christ; his presence is not confined to the church. Rather, it is in the church that we learn to recognise Christ's presence outside the church.» Stanley Hauerwas, «The Servant Community: Christian Social Ethics (1983),» in *The Hauerwas Reader*, ed. por J. Berkman e M. Cartwright (Durham – London: Duke University Press, 2001), 371-391. Aqui, 372.

[14] Cf. Phan, *Asian Christianities*, 200.

[15] Cf. Phan, *Asian Christianities*, 291.

[16] Cf. Phan, *Asian Christianities*, 292.

2) Falta de acesso a água doce e crescente poluição. (Apesar de 60% da população mundial viver na Ásia, os asiáticos possuem apenas 36% da água doce disponível no globo.) O Papa Francisco descreve na sua encíclica o drama da falta de água potável e as guerras a que isso poderá levar[17].

3) A perda da biodiversidade, a qual ocorre não só em terreno sólido, mas também na água.

A já referida Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC) começou, desde há muitos anos, a alertar para problemas ecológicos. Tais preocupações encontram-se enquadradas nos termos de «harmonia» e «totalidade», os quais são considerados temas ideais para o povo asiático na generalidade. Harmonia em quatro níveis: com Deus (ou com os deuses), com a própria pessoa, com os outros e com a natureza. Phan dá voz aos documentos da FABC, sublinhando a degradação ecológica como uma das mais potentes forças destruidoras da harmonia na Ásia[18].

No Oriente, há uma grande circularidade nos acontecimentos da vida. Gostaria de descrever tal círculo: comecei no Japão e termino no Japão.

A aurora começa a despontar. Silêncio. O vento sussurra por entre as folhas das árvores. Faz frio. Entoamos a oração da manhã ao ritmo do alvorecer. O sol aparece, lentamente, do Oriente, por detrás das montanhas. No coração, os sons graves de uma solene sinfonia. Os salmos da oração da tarde serão recitados ao pôr-do-sol, virados para o Ocidente.

Regressamos, em silêncio, e entramos na capela de tipo *zen-dō* (templo onde os monges do budismo *zen* praticam *za-zen*), circundada pelo jardim de areia e pedrinhas. Ressoa o gongo. Sentamo-nos na postura de *lótus* e fazemos vinte minutos de *za-zen*. Segue-se a celebração eucarística. Movimentos lentos, harmoniosos. Intensidade nas orações, beleza da simplicidade, pureza. O vazio e a sua plenitude. Um crucifixo, uma bela, pequena imagem da Virgem Maria; um *ike-bana* (arranjo floral japonês).

[17] Cf. *Laudato Si'*, 31.
[18] Cf. Phan, *Asian Christianities*, 296.

Terminada a celebração da eucaristia, tomamos o pequeno-almoço, ainda em silêncio. Em seguida, trinta minutos de *sa-mu* (trabalho de agricultura e limpeza que os monges fazem nos mosteiros *zen*). A limpeza do caminho e do jardim, o apanhar das folhas caídas como símbolo de purificação interior. Terminado o *sa-mu*, conclui-se também o voto de silêncio, que já tinha começado na noite do dia anterior, depois da oração da noite à luz da lua cheia.

Este é o ritmo de oração no centro intercultural e inter-religioso *Shinmeizan* («Montanha da Vida Verdadeira»), que se encontra em Kyushū, sul do Japão. Trata-se de um exemplo prático de encontro, de inculturação e de diálogo. Um estímulo, um desafio. Existirão momentos de treva, de dúvida, talvez mesmo de quase desespero. O diálogo com as teologias asiáticas não é um caminho linear. Mas não serão precisamente as vias difíceis que nos estimulam à beleza do encontro?

Bibliografia

Dumoulin, Heinrich. *Begegnung mit dem Buddhismus: Eine Einführung*. Freiburg im Breisgau: Herder, 1978.

Eilers, Franz-Josef (Ed.). *For All the Peoples of Asia: Federation of Asian Bishop's Conferences. Documents from 1997 to 2001*. Quezon City: Claretian Publications, 2002.

Gener, Timoteo D., e Stephen T. Pardue. *Asian Christian Theology: Evangelic Perspectives*. Manila: Langham Global Library, 2019.

Hauerwas, Stanley. «The Servant Community: Christian Social Ethics (1983).» In *The Hauerwas Reader*. Editado por J. Berkman e M. Cartwright, 371-391. Durham – London: Duke University Press, 2001.

Phan, Peter. C. *Asian Christianities: History, Theology, Practise*. Maryknoll: Orbis Books, 2018.

Artigo não sujeito a avaliação.